

RESENHAS

A ARTE INTERIOR DO PSICANALISTA*

Maria Lúcia T. M. AMIRALIAN**

A grande maioria dos livros que abordam temas de Psicanálise tem se preocupado em transmitir aos leitores os conceitos psicanalíticos, seja a sua estrutura teórica, seja as condições apropriadas à prática psicanalítica. Com freqüência, esses textos enfocam as leis que governam o equilíbrio humano e os caminhos percorridos pelos sujeitos no seu desenvolvimento, junto às vicissitudes que impedem sua realização.

Neste livro, o autor nos mostra uma outra vertente da Psicanálise ao nos colocar em contato com sua preocupação: o espaço mental do psicanalista. Indubitavelmente esta rotação no enfoque para o outro par da díade cliente-terapeuta traz contribuições enriquecedoras e vem recobrir uma falha sentida por todos. Se pensarmos que todo o trabalho psicanalítico centra-se na relação terapeuta-cliente, a supremacia do conhecimento sobre o cliente, um saber necessário, mas não suficiente, rompe a harmonia desejada e necessária para um bom trabalho psicanalítico.

Ao refletir sobre o espaço mental do psicanalista, o autor traz à tona questões sempre presentes e universalmente propostas, mas ainda sem respostas definidas: Quais as condições prévias necessárias para se fazer uma análise? Como é o estado mental "sem memória e sem desejos"? Quais os objetos desse estado mental? Quais os produtos do funcionamento da mente com estas características? Quais os instrumentos utilizados por tais estados de mente? No decorrer de todo o texto estas questões são continuamente analisadas através de reflexões

(*) TRINCA, WALTER – *A Arte Interior do Psicanalista* – EPU/EDUSP 1988, p. 134.

(**) Professora do Instituto de Psicologia – USP.

do autor sobre processos ocorridos durante sua vivência prática como analista, oferecendo-nos propostas que esclarecem e enriquecem a compreensão destas 'condições de mente, fundamentais para uma relação psicanalítica.

Trinca inicia seu trajeto marcando a semelhança entre o espaço mental dos psicanalistas e dos artistas. Para ele, ambos em seu cotidiano precisam ser capazes de "ver" a beleza interna dos objetos, freqüentemente nublada pela concretude da matéria. Esta qualidade de mente é descrita em diferentes processos mentais, próprios do analista em seu trabalho: a imaginação artística, as imagens intuitivas, o espaço de acolhimento, a atmosfera dos sonhos, a harmonia dos movimentos, a mobilidade da obra de ficção, o alargamento do espaço mental, a rotação de perspectiva, a compreensão empática, a observação perspicaz, o ser e a verdade, a experiência da luz, que se assemelham ao processo dos artistas em seus momentos de criação. Assim como os artistas não se utilizam exclusivamente da memória consciente, do pensamento conceitual e dos objetos da mente para produzir sua arte, também os psicanalistas precisam se distanciar do concreto, do pensamento racional, das relações de espaço e tempo e causa e efeito, para atingir em um estado de leveza, flexibilidade e mobilidade. Estes estados mentais os tornarão capazes de captar o sentido inconsciente dos sentimentos não nomeados, e de transformar sensações sem nome em pensamentos mentalmente utilizáveis.

No decorrer de todo o texto vemos permeada a idéia da relação terapêutica como elemento desencadeador, no cliente, da possibilidade de emergência de sentimentos e significações INCS, e, no terapeuta, de processos mentais que facilitam a compreensão do cliente e possibilitam sua estruturação pessoal.

De acordo com Trinca, a condição que propicia este tipo de encontro é a mesma que favorece a criação artística e só pode ser adquirida pela experiência de vida plena, e principalmente pela alegria de viver. Para o Autor, a busca máxima das artes e ciências é a harmonia que se expressa em beleza, e o objetivo da análise é a obtenção da harmonia individual, também expressa pela beleza e alegria de viver.

Durante todo o texto o Autor nos remete à história das Artes, Ciências e Filosofia, mostrando a semelhança entre a

arte interior do psicanalista e cada uma das outras expressões artísticas. Este livro nos faz mergulhar na história, mostrando que nossa vida, e principalmente nossa mente, devem ser tão amplas que possam conter a história da humanidade, e só assim conhecermos a história do homem. Trinca leva-nos a pensar a mente humana como aquela cuja amplidão seja capaz de conter o universo todo.

Podemos concluir refletindo sobre a grande contribuição deste livro. Ao nos mostrar o caminho percorrido pelo Autor na sua profissão de analista nos ajuda em muitos momentos a identificarmos situações com que nos deparamos algumas vezes durante a prática terapêutica e a compreendermos nosso processo nessa relação, promovendo a abertura de nossas mentes para possibilitar encontros mais profundos e significativos. Por outro lado, a leitura agradável, rica de belas imagens e profundo sentir, nos coloca em contacto com uma verdadeira beleza e harmonia, características das obras de arte.